

Universidade Eduardo Mondlane
Faculdade de Letras e Ciências Sociais
Departamento de Arqueologia e Antropologia
Licenciatura em Antropologia

Trabalho de Culminação de Estudos

Construção de relacionamentos conjugais na cidade da Matola

A candidata:

Tatiana Esserina H. Banze

Supervisor:

Emídio Viera Salomone Gune

Maputo, Maio de 2021

Construção de relacionamentos conjugais na cidade da Matola

Trabalho de culminação de estudos, na modalidade de projecto de pesquisa, submetido ao Departamento de Arqueologia e Antropologia como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura em Antropologia na Universidade Eduardo Mondlane

A candidata:

Tatiana Esserina H. Banze

O Júri

Supervisor

Presidente

Oponente

Declaração

Declaro que este trabalho de culminação de estudos é original. Que o mesmo é fruto da minha investigação, estando indicadas ao longo do trabalho e nas referências as fontes de informação por mim utilizadas para a sua elaboração. Declaro ainda que, o presente trabalho nunca foi apresentado anteriormente, na íntegra ou parcialmente, para a obtenção de qualquer grau académico.

(Tatiana Esserina H. Banze)

Maputo, Maio de 2021

Dedicatória

Dedico este trabalho aos meus pais Horácio Fernando Banze e a minha mãe Tchanaze Chico João Tondo em memória, pois sem eles não teria conhecido a escola e o seu valor. As minhas filhas Sheso Sheise e Ukny Phindile Ngulele para que sigam o mesmo exemplo.

Agradecimentos

Em primeiro lugar quero agradecer a Deus pela vida, pela saúde e por me ter conservado e iluminado meus caminhos ao longo da minha vida. Ao meu pai Horácio Fernando Banze pelo apoio incondicional. Ao meu esposo Júlio Alberto Ngulele pelo amor, carinho, paciência compreensão e incentivo durante os quatro anos de formação. Aos participantes do estudo que tornaram possível a realização deste trabalho.

Ao corpo docente do Departamento de Arqueologia e Antropologia da Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane pelos conhecimentos transmitidos durante o curso. Ao meu orientador, Emídio Gune, pela atenção, compressão, disponibilidade e paciência durante a realização do trabalho, e de igual modo ao Dr. Danúbio Lihaha pelas sugestões. Muitíssimo obrigada.

Aos colegas da turma de Antropologia 2015, em especial Percilia, Saquina, Zuhebe e Rafael. De igual modo agradeço ao Américo Zandamela a quem eu admiro, pelo apoio, incentivo e paciência.

As minhas filhas Sheso e Ukny, aos meus irmãos Emídio, Artur, Aronia, Ednilson e Elton Banze, a minha concunhada Helena, aos meus cunhados José, Ricardina, Raufa e Tina a toda família muito obrigada. Aos meus amigos Virgínia, Arlete, Augusto e Américo pelo apoio e incentivo.

A todos vocês, meu muito obrigado.

Lista de Abreviaturas

DAA	Departamento de Arqueologia e Antropologia
IEAD	Igreja Evangélica Assembleia de Deus
MEA	Ministério Evangelho em Acção
UEM	Universidade Eduardo Mondlane

Resumo

O presente trabalho analisa construção de relacionamentos conjugais no quotidiano. Da literatura que analisei sobre casamento identifiquei duas perspectivas, uma que considera que o casamento é uma forma adoptada pelo Estado e pela região para que as pessoas mantenham laços afectivos, inserirem-se socialmente para preservar a honra e o bom comportamento das suas famílias, assim como, para conferir-lhes um status social e outra que considera que o casamento foi construído como um meio pelo qual a igreja e a sociedade procuram normalizar as relações entre os sexos estabelecendo normas de conduta social que visam regular o desejo sexual, combater fornicação e reproduzir a espécie.

A literatura analisada permite compreender o casamento como uma forma adoptada pelo Estado e pela região para que as pessoas mantenham laços afectivos e inserirem-se socialmente para preservar a honra e o bom comportamento das suas famílias, assim como, para conferir-lhes um status social. Permite ainda compreender o casamento como um meio construído pela igreja e a sociedade para regular o desejo sexual, combater fornicação e reproduzir a espécie. No entanto, fica por compreender outras formas de construir relacionamentos conjugais no quotidiano dos indivíduos.

Realizei uma pesquisa etnográfica com um grupo de pessoas no bairro de Khongolote, Município da Matola, na província de Maputo e com base nos resultados compreendi que no dia-a-dia a construção de relacionamentos conjugais é influenciado por progenitores, amigos, familiares e membros de congregações religiosas, que estimulam e pressionam os conjugues a construírem famílias. Os resultados do presente trabalho permitem compreender outras dimensões do casamento no quotidiano dos indivíduos para além daqueles apresentados pela literatura que analisam o casamento como uma forma de ampliação de recursos no interior das famílias assim como regular o desejo sexual e reproduzir a espécie.

Palavras-chave: Relacionamento conjugal, matrimônio, construção e influência.

Índice

Declaração.....	i
Dedicatória.....	ii
Agradecimentos.....	iii
Lista de Abreviaturas.....	iv
Resumo.....	v
1. Introdução.....	1
2. Revisão da Literatura.....	3
3. Enquadramento teórico e conceptual.....	13
3.1. Quadro teórico.....	13
3.2. Conceitualização.....	13
4. Procedimentos metodológicos.....	15
4.1. Selecção dos participantes de estudo.....	15
4.2. Técnicas de recolha e registo de dados.....	16
4.3. Tratamento e análise de dados.....	17
4.4. Perfil dos Participantes.....	17
5. Construção de relacionamentos conjugais entre residentes no bairro de Khongolote.....	19
5.1. Construção de relacionamento conjugal por influência dos progenitores.....	19
5.2. Construção de relacionamento conjugal por influência familiar.....	23
5.3. Construção de relacionamento conjugal por influência de amigos.....	24
5.4. Construção de relacionamento conjugal por influência da congregação religiosa.....	26
5.5. Construção de relacionamento conjugal por amor.....	29
6. Considerações finais.....	32
Referências.....	34

1. Introdução

O presente estudo analisa os intervenientes na construção de relacionamentos conjugais entre um grupo de pessoas residentes no bairro de Khongolote no município da Matola na província de Maputo. O meu interesse pelo tema surge a partir de algumas conversas que tenho ouvido na rua, no chapa e nas festas. Num certo dia ouvi pessoas a dizerem que “o marido da Fátima é muito mais velho que ela, o que esperava? Ela só está com ele por causa do dinheiro. Outras diziam que o marido da Bia é muito feio enquanto ela é muito bonita e olha quantos moços bonitos e com dinheiro arrastam-se aos pés dela você nem imagina, eu nem sei porquê é que ela deixou a boa vida que tinha para ficar com aquele pobretão, se calhar o gajo seja bom de cama.

Outro dia numa festa, ouvi pessoas a falarem: “olha lá aquela gaja como é bonita e tem um corpo bonito, se fores a ver o marido do jeito que é feio nem vais acreditar que é marido dela de tanto ser preto e feio, *ya* se calhar é bonito no bolso ou então é bom de cama”. Esses cenários levaram-me a reflectir sobre intervenientes na construção de relacionamentos conjugais e escolhas de parceiros para casar.

Da literatura analisada sobre relacionamentos identifiquei duas perspectivas, uma que considera o casamento como uma forma adoptada pelo Estado e pela região para que as pessoas mantenham laços afectivos, insiram-se socialmente para preservar a honra e o bom comportamento das suas famílias, assim como, para conferir-lhes um status social e segurança (Algranti 1997; Andrade 2008; Brügger 2007; Evans-Pritchard 1931; Gluckman 1950). E outra que defende que o casamento foi construído como um meio pelo qual a igreja e a sociedade procuravam normalizar as relações entre os sexos estabelecendo normas de conduta social que visavam regular o desejo sexual, combater fornicção e reproduzir a espécie (Davis 1990; Dudy 1988; LeGoff 1992; Lévi-Strauss 1991; Sot 1992). Se por um lado essa literatura permite compreender o casamento como uma prática socialmente institucionalizada pela lei com objectivo de construir uma família, fica por compreender os intervenientes no processo de construção de relacionamentos conjugais.

Para melhor entender essa questão realizei uma pesquisa etnografia exploratória entre residentes no bairro de Khongolote no Município da Matola, na província de Maputo. A partir dos dados analisados na pesquisa compreendi que, no dia-a-dia a construção de relacionamentos conjugais é influenciado por progenitores, amigos, familiares e membros de congregações religiosas, que estimulam e pressionam os conjugues a construírem famílias.

Apresento o trabalho em seis capítulos. No primeiro capítulo a introdução que contém as linhas gerais da pesquisa. No segundo capítulo a revisão da literatura com as perspectivas do estudo identificadas sobre o assunto e suas limitações, no terceiro capítulo o enquadramento teórico e conceptual com os seus conceitos operacionalizados.

No quarto capítulo apresento os procedimentos metodológicos. Neste capítulo descrevo o método da pesquisa, como foram operacionalizados os instrumentos de recolha de dados, os procedimentos de organização e análise e os constrangimentos havidos no processo de recolha de dados. No quinto capítulo apresento a análise de dados e no sexto e último capítulo as considerações finais.

2. Revisão da Literatura

Da literatura que analisei sobre o assunto identifiquei duas perspectivas. A primeira defende o casamento como uma forma adoptada pelo Estado e pela região para que as pessoas mantenham laços afectivos, insiram-se socialmente, para preservar a honra e o bom comportamento das suas famílias, assim como, para conferir-lhes um status social e segurança (Algranti 1997; Andrade 2008; Brügger2007, Evans-Pritchard 1931, Gluckman 1950). A segunda defende que o casamento foi construído como um meio pelo qual a igreja e a sociedade procuram normalizar as relações entre os sexos estabelecendo normas de conduta social que visam regular o desejo sexual, combater fornicção e reproduzir a espécie (Davis 1990; Dudy 1988; LeGoff 1992; Lévi-Strauss 1991; Sot 1992).

Um dos autores que subscreve a primeira perspectiva é Algranti (1997), a partir de um estudo sobre honradas e devotas mulheres da colónia, condição feminina nos conventos e recolhimentos do sudoeste brasileiro, explica que nesse período os casamentos eram utilizados como um negócio de família, e representava materialização do respeito e obediência às leis reais e da religião. Assim sendo, cabia às famílias contribuir para a propagação da condição de casado, ajudando no processo de ordenamento e busca de uma civilização da região (Algranti 1997).

Segundo Algranti (1997), com casamento era possível manter laços de afectividade, inserir-se na sociedade, preservar a honra e o “bom comportamento” das pessoas, não só, o casamento “conferia status e segurança aos colonos, tornando-o desejável tanto pelos homens assim como pelas mulheres”, e que a condição de casado era almejada por indivíduos pertencentes a grupos sociais variados (Algranti 1997).

O estudo de Algranti (1997) permite compreender o casamento como um meio pelo qual as pessoas podiam inserir-se socialmente preservando a honra e o bom comportamento. Portanto ao perceber o casamento como forma de representação do respeito e obediência as leis reais e da região, fica por compreender outras formas de inserção social no quotidiano dos indivíduos.

Com uma explicação parcialmente similar com a de Algranti (1997), Andrade (2008)

a partir de um estudo feito no Rio de Janeiro no município de Jaguarão sobre poderes provinciais e locais por intermédio da negociação e práticas políticas entre as distintas elites e instâncias de poderes, o autor afirma que nesse contexto, o casamento ocorrido dentro e fora do grupo familiar era fundamental, pois existia uma parceria entre pais, filhos e genros que tornava possível o sucesso e a ampliação dos negócios, sejam eles ligados à produção assim como a comercialização dos diferentes produtos.

Segundo Andrade (2008), o casamento era essencial na região no que concerne à ampliação dos bens e à manutenção das posses no interior das famílias e que a busca pela estabilidade económica no interior da família teria estimulado a realização de vários casamentos endogénicos, pois desta forma garantia-se a solidez e a conservação dos bens no interior da família, evitando que outras pessoas tivessem direito nas posses posteriores (Andrade 2008).

Andrade (2008) salienta ainda que os casamentos arranjados fora do círculo familiar eram bem pensados e planejados para que pudessem servir como meio de ampliação das fortunas e para além da questão económica, os contratos matrimoniais feitos afora do grupo familiar representavam uma oportunidade para ampliar o prestígio social dos noivos e de suas famílias. Por essa razão, os filhos eram obedientes quando a questão estava relacionada às alianças matrimoniais (Andrade 2008).

A explicação de Andrade (2008) permite compreender que o casamento nesse contexto era planejado em função do que a família pudesse ganhar com o casamento de um filho ou filha. Portanto, ao assumir que o casamento garantia a solidez e a ampliação dos bens no interior da família, fica por compreender outros sentidos atribuídos ao casamento no quotidiano dos indivíduos.

Com uma explicação parcialmente similar a de Algranti, (1997) e Andrade (2008), Brügger (2007), a partir de um estudo sobre famílias escravas em Minas Gerais, afirma que são interesses das famílias que norteavam as intenções do grupo e não dos indivíduos, assim sendo, o casamento era visto como um projecto familiar, pois

era uma forma de manter valores económicos e materiais, e que celebrar casamento sem considerar tais elementos poderia ocasionar o fracasso dos bens materiais, bem como anular as possibilidades de projecção económica, política e social.

Brügger (2007) explica que a questão da identidade familiar e o prestígio social funcionavam como elementos motivadores da implementação dessa política conjugal baseada em contratos, uma vez que o casamento representava um negócio entre famílias e casar-se dentro da mesma condição social era uma prática defendida por muitos, pois o que estava em jogo era a manutenção do património e a garantia de prestígio familiar (Brügger 2007).

A explicação de Brügger (2007) permite compreender que o interesse das famílias é que dita com quem um filho deve ou não casar. No entanto, assumir o contrato matrimonial como forma de manter valores económicos, políticos e sociais, fica por compreender outras formas de garantir prestígio social e familiar no quotidiano dos indivíduos.

Com uma explicação ligeiramente similar a de Algranti, (1997), Andrade (2008) e Brügger (2007), Evans-Pritchard (1931) a partir de um estudo sobre termo alternativo para preço da noiva, afirma que casamento é um acto cerimonial pelo qual dois grupos, famílias ou clãs, comprometem que seus filhos cumprirão seus deveres de marido e mulher. A riqueza da noiva cria um vínculo jurídico entre marido e mulher e as respectivas famílias, envolvendo-os num conjunto de privilégios e obrigações sancionados por lei. É um documento concreto pelo qual o casamento, a descendência e a herança são conhecidos e legitimados.

Evans-Pritchard (1931) salienta ainda que o termo riqueza da noiva realça o valor económico de todas as coisas diferentes que são entregues pelo grupo de um homem ao grupo da mulher como uma das obrigações concretas da união. Sejam elas gado, lanças, cabras, flechas, potes, trabalho, entres outras têm um valor económico, e o trabalho é visto como uma forma de riqueza que todos possuem e actua como uma espécie de prorrogação que permite a um homem pobre desfrutar

de alguns dos privilégios da vida de casado enquanto está colectando gado ou lanças para o casamento.

A explicação de Evans-Pritchard (1931) permite compreender o casamento como um acto cerimonial pelo qual dois grupos, famílias ou clãs, se comprometem a que seus filhos cumprirão seus deveres de marido e mulher. No entanto ao assumir que o trabalho é uma forma de prorrogação que permite ao homem pobre desfrutar do privilégio de casado fica por compreender outras forma de prorrogação usadas pelos homens pobre para desfrutar da vida de casado enquanto procura condições para casar no quotidiano dos indivíduos.

Com uma explicação parcialmente destinta a de Algranti, (1997), Andrade (2008) Brügger (2007) e Evans-Pritchard (1931), Gluckman (1950), a partir de um estudo sobre causas determinantes da estabilidade do casamento em Busoga, afirma que casamento é um contrato entre o pai ou guardião da noiva e o marido, e esse contrato é celebrado mediante o pagamento do preço do casamento. Onde os membros de sua linhagem podem ajudar o marido a arcar com as despesas do casamento e, no caso de ele morrer o irmão mais novo herda sua esposa e a guarda de seus filhos. Os homens da linhagem da mulher são responsáveis por sua boa conduta e por reembolsar o preço do casamento no caso de o casamento acabar.

Gluckman (1950) explica ainda que a importância dos laços matrimoniais é enfatizada pelas cerimónias associadas ao casamento tradicional assim como ao casamento cristão moderno. Além disso, os laços entre pais e filhos tendem a fortalecer os laços entre marido e mulher. Com todo, o relacionamento entre grupos de parentesco que é estabelecido pelo casamento é caracterizado por tensão e conflito, conflito, este que é a base da crença de muitos Soga de que, tradicionalmente, o casamento é uma espécie de abdução da noiva pelo marido.

A explicação de Gluckman (1950) permite compreender o casamento como contrato entre o pai da noiva e o genro, e o contrato é celebrado mediante o pagamento do preço do casamento. No entanto fica por compreender outras formas de contrato e celebração do casamento no quotidiano dos indivíduos.

A primeira perspectiva permite compreender o casamento como uma forma adoptada pelo Estado e pela religião para que as pessoas mantenham laços afectivos, insiram-se socialmente e preservar a honra e o bom comportamento das suas famílias, assim como, conferir-lhes um status social e segurança. Adicionalmente, permite compreender que nesses contextos os casamentos eram planeados em função do que a família pudesse ganhar com o casamento de um filho ou uma filha, sendo os interesses da família que ditavam com quem um filho deve ou não casar, colocando o amor como complementar numa relação.

Ao considerar o casamento como um meio de estabilidade económica e social das famílias, fica por compreender outros sentidos atribuídos ao casamento, assim como outras formas de inserção social em contextos distintos destes. Adicionalmente fica por compreender outras feições accionadas pelos indivíduos no quotidiano para garantir prestígio social e familiar.

Diferentemente da primeira, a segunda perspectiva considera o casamento como um meio pelo qual a igreja e a sociedade procuravam normalizar as relações entre os sexos estabelecendo normas de conduta social que visavam regular o desejo sexual, combater fornicção e reproduzir a espécie, Legoff (1992) é um dos subscritores desta perspectiva.

Com base em um estudo sobre sistemas generificados de controlo social no ocidente, Legoff (1992), afirma que o cristianismo produziu uma nova orientação para sexualidade humana, introduzindo a ideia de que há uma relação entre carne e pecado e que essa ligação provocou uma ruptura com a antiguidade pagã, interessada na reprodução da família e pouco preocupada com a virgindade. No século II, Clemente de Alexandria vinculou à descoberta do sexo por Adão e Eva, mais tarde, Santo Agostinho identificou o Pecado Original com o desejo sexual e não apenas como sexo.

Segundo Legoff (1992), a sexualidade era vista com um único fim a procriação e o casamento tornou-se um dos instrumentos de controlo da sexualidade. A partir do casamento nasce o pecado da carne visto como um mal necessário, e para evitar o

pecado da fornicção ou adultério tenha cada homem a sua mulher e cada mulher o seu marido (Legoff 1992).

A explicação de Legoff (1992) permite compreender que o casamento foi construído como um meio pelo qual a igreja e a sociedade procuravam normalizar as relações sociais entre os indivíduos. No entanto, assumir o casamento como mecanismo de estabelecimento de normas de conduta social com o intuito de regular o desejo sexual, combater a fornicção e reproduzir a espécie. Fica por compreender outras formas de controlo da sexualidade e de reprodução da espécie no quotidiano dos indivíduos.

Com uma posição parcialmente similar a de Legoff (1992), Sot (1992) a partir de um estudo sobre sistemas rituais do processo matrimonial no ocidente cristão, explica que os rituais de noivado e casamento, tal como nós os conhecemos são, por conseguinte, uma construção histórica que resultam de duas visões de matrimónio que, ao longo da idade média, se confrontaram, elaborando um modelo de união conjugal que acabou por se impor à sociedade de uma forma geral. O noivado é uma criação romana que precede o casamento. Esse rito era de carácter familiar, social e religioso que implicava no consentimento das famílias dos noivos e na autoridade do homem sobre a mulher.

De acordo com Sot (1992), o casamento deve ser monogâmico, indissolúvel e deve ser realizado a partir do consentimento mútuo. No princípio o noivado poderia ser rompido sem consequências jurídicas, mais já na idade moderna adquirindo uma maior importância e o seu rompimento tornou-se mais difícil. Nesse momento, a igreja já se fazia presente, querendo assegurar sua publicidade e solidez, não tolerando mais a sua ruptura, a menos que houvesse um motivo muito sério.

Sot (1992) explica ainda que a publicidade da aliança matrimonial tenha a função de impressionar, provar a todos o êxito, a glória e a generosidade das famílias envolvidas, além disso a publicidade estava relacionada com o controlo público do incesto através das relações de parentesco presentes no acordo nupcial. Essa investigação era feita através de parentes, vizinhos e amigos, na qual os padres

eram convidados a participar das núpcias, a fim de assegurarem pelo testemunho o respeito ao interdito do incesto (Sot 1992).

O estudo de Sot (1992) permite compreender o casamento como monogâmico, indissolúvel e resultante do consentimento mútuo. Adicionalmente permite compreender que o mesmo implicava a autoridade do homem sobre a mulher. No entanto fica por compreender outras formas que implicam na autoridade do homem sobre a mulher no quotidiano.

Com uma explicação parcialmente similar com a de Legoff (1992) e Sot (1992), Dudy (1988), a partir de um estudo sobre sistemas rituais do processo matrimonial no ocidente medieval, afirma que o noivado ocorria com a entrega de um anel e de um presente. No século II a teoria jurídica fixava-se, dando mais força ao anel, no lugar de uma soma em dinheiro poderia dar-se, a título de arras, um objecto simbólico que representava o compromisso assumido e também a fidelidade conjugal, depois do século IV, as arras passaram a simbolizar o noivado e confirmava a promessa assim como servia de contrato de casamento. O anel deveria ser colocado no quarto dedo da mão esquerda, o médio que acreditavam que tinha um pequeno nervo em comunicação com o coração.

Dudy (1988) salienta que a entrega do anel, a troca de beijos é tão importante nesse ritual pois marca as preliminares do casamento, é o começo da consumação do próprio casamento. Ele sela o compromisso entre as partes e tem força jurídica, inclusive para fins de herança, e quanto à junção das mãos presente, tanto no noivado assim como no casamento, trata-se de um ritual que remonta diferentes tradições, sendo encontrado entre os judeus, gregos e romanos. A união das mãos representava o compromisso, assumido é um sinal de confiança mútua. Mesmo que para Santo Agostinho esse seria um gesto inútil, pois para ele o compromisso seria dado, mutuamente, através da palavra e do coração (Dudy 1988).

A explicação de Dudy (1988) permite compreender que o anel era visto como um contrato de casamento e o mesmo devia ser colocado no quarto dedo da mão esquerda. No entanto, ao assumir que a união das mãos representa compromisso

assumido e sinal de confiança mútua. Fica por compreender outras formas de união que demonstram confiança mútua e compromisso assumido e outras formas que demonstram a consumação do casamento no quotidiano.

Com uma explicação parcialmente destinta a de Dudy (1988), Lévi-Strauss (1991) a partir de um estudo sobre sistemas rituais do processo matrimonial no medievo europeu explica que o charivari é um ritual europeu, que envolve as relações matrimoniais, com o intuito de regular as relações sociais entre os sexos. Esse ritual é feito de noite com frigideiras, panelas e caldeirões em frente das portas de pessoas que casam pela segunda ou terceira vez, assim como aqueles que casam com pessoas com idade muito diferente da sua, segundas núpcias de viúvos, moças que trocam namorado bem visto pela sociedade por um pretendente rico, muito velho, ou estrangeiro, moças que levam uma vida desregrada, noivas grávidas que casam de branco, moços que se envolvem com mulheres por dinheiro, mulheres casadas adúlteras, moças que amantizam com homens casados e casamentos que violam os graus proibidos.

Segundo Lévi-Strauss (1991) o charivari é o guardião da lei primordial o Dom, sem o qual não haveria nem cultura, nem sujeito humano e a sexualidade nesse caso ocupa o primeiro plano, ela é a lei fundadora de todas as pequenas leis do homem e a sexualidade é o primeiro campo de acção da humanidade. Nesse sentido, não é o homem que faz a lei, mas a lei é que faz o homem. Toda vez que as regras forem feridas a comunidade organiza um charivari para fazer o ajuste de contas (Lévi-Strauss 1991).

A explicação de Lévi-Strauss (1991) permite compreender que o charivari é um ritual que envolve as relações matrimoniais, com o intuito de regular as relações sociais entre os sexos. No entanto ao assumir o charivari como um ritual organizado pela comunidade para fazer o ajuste de contas de casamentos que violam as normas estabelecidas. Fica por compreender outras formas de ritual feito pela comunidade para os casamentos que violam as normais proibidas no quotidiano dos indivíduos.

Com uma explicação parcialmente similar a de Lévi-Strauss (1991), Davis (1990) a partir de um estudo sobre as formas assumidas pelo charivari na Inglaterra, afirma

que o charivari era caracterizado por indivíduos agrupados em associações segundo um critério de idade com uma personalidade moral, política ou militar, dependendo do que a sociedade considerava, e no caso do casamento envolvendo um viúvo, era necessário apaziguar o ânimo do cônjuge morto, e se houvesse filhos, era necessário cuidar do seu futuro (Davis 1990).

Davis (1990) explica que os contos populares envolvendo madrastas e padrastos malvados podem ser reveladores desse tipo de ritual como forma de proteger a renda devida aos filhos já existentes do primeiro matrimônio. Mas o importante de tudo, era o facto de que os casamentos com viúvo ou viúva acabavam por limitar as possibilidades de casamento entre jovens da mesma faixa etária, assim como, significava poucas possibilidades de ter filhos.

Davis (1990) salienta ainda que, ter filhos, era sem dúvida, uma das funções do casamento, uma vez que para a igreja a única possibilidade de tolerar o acto sexual era o casamento e mesmo acontecia como forma de consumação do enlace matrimonial. Por outro lado, tratando-se de uma época em que a expectativa de vida era muito curta, casar-se novamente era uma solução para enfrentar as dificuldades da vida, o que tornava essa prática do segundo casamento e do charivari rotineira e normal. Portanto, o “charivari” se constitui num ritual popular e colectivo no qual se expressam as necessidades de uma sociedade altamente hierarquizada, onde a juventude, sobretudo os homens, encontram uma forma de organização e expressão para compensar possíveis perdas sofridas (Davis 1990).

O estudo de Davis (1990) permite compreender que a prática do charivari era rotineira e normal, uma vez que para a igreja a única possibilidade de tolerar o acto sexual e ter filhos era o casamento e a única possibilidade de realizar essas coisas era através do casamento para tal tinham que passar pelo ritual. Se por um lado, a explicação permite compreender o charivari como um ritual popular e colectivo com objectivo de organizar e controlar a sociedade assim como apaziguar os ânimos do cônjuge morto, por outro lado fica por compreender outras formas de apaziguar os ânimos do cônjuge morto. Adicionalmente fica por compreender mecanismos accionados para cuidar, proteger a renda e o futuro dos filhos do primeiro

casamento, assim como outras formas de controlar a sexualidade humana no quotidiano.

A segunda perspectiva defende que o casamento foi um meio pelo qual a igreja e a sociedade procuravam combater a fornicção e reproduzir a espécie. A perspectiva permitiu-me compreender que nesse contexto o casamento foi a única forma que a igreja e a sociedade encontraram para controlar e tolerar a sexualidade humana e que o acto sexual acontecia como forma de simbolizar a consumação do matrimónio. Adicionalmente permitiu-me compreender que a publicidade da aliança matrimonial tenha a função de impressionar, provar a todos o êxito, a glória e a generosidade das famílias envolvidas, assim como estava relacionada com o controle público do incesto através das relações de parentesco presente no acordo nupcial.

Ao considerar o casamento como um meio pelo qual a Igreja e a sociedade procuraram normalizar as relações sociais entre os sexos. Fica por compreender outras formas de controlar a sexualidade e de reproduzir a espécie. Adicionalmente fica por compreender outros sentidos atribuídos ao casamento no quotidiano dos indivíduos.

No geral, a literatura analisada permitiu compreender o casamento como uma forma adoptada pelo Estado e pela região para que as pessoas mantenham laços afectivos, insiram-se socialmente e preservar a honra e o bom comportamento das suas famílias, assim como, conferir-lhes um status social e segurança. Permite ainda compreender o casamento como um meio pelo qual a igreja e a sociedade procuravam normalizar as relações sociais entre os indivíduos com o intuito de regular o desejo sexual, combater a fornicção e reproduzir a espécie.

No entanto, fica por compreender outras formas de inserção social em contextos distintos destes, assim como outras feições accionadas pelos indivíduos no quotidiano para garantir prestígio social e familiar. Adicionalmente, fica por compreender outras formas de controlar a sexualidade e de reproduzir a espécie.

Da literatura analisada compreendi o casamento como uma prática socialmente institucionalizada pela lei com objectivo de construir uma família. Entretanto, ficam por compreender os intervenientes no processo de construção de relacionamentos conjugais.

3. Enquadramento teórico e conceptual

3.1. Quadro teórico

O presente trabalho é orientado pela teoria construcionista de Peter Berger e Thomas Luckman (1988). A teoria de construção social da realidade de Berger e Luckman (1988) é vista como um processo pelo qual os homens atribuem sentidos e significado ao mundo através da interação social feita ao longo do processo de socialização, quando se passa a representar e atribuir significados ao mundo que os rodeia. Assim, sendo, construção social será o conjunto de interação e mediação sociocultural que determina o modo como o homem tem que ver e representar o mundo.

A teoria Berger e Luckman (1988), é usada nesta pesquisa para explicar a ideia de que os factos sócias são tidos como resultantes de processo histórico de construção colectiva e não como fenómenos naturais. De acordo com esta teoria toda a realidade é socialmente construída no quotidiano pelas práticas sociais e individuais, e a vida quotidiana apresenta-se como uma realidade interpretada pelos homens e dotada de sentidos, razão pela qual o mundo torna-se coerente para eles (Berger e Luckman, 1988). Baseando-se nas ideias dos autores este é o princípio para analisar a construção de relacionamentos conjugais.

3.2. Conceitualização

De acordo com Prado et al. (2011), conceituar é um método de definição de análise e de selecção de fundamentos e argumentos para auxiliar a construção de categorias de análise. Assim sendo, para orientar o entendimento de conhecimento sobre a construção dos relacionamentos conjugais, qualifico como chave quatro conceitos nomeadamente: Matrimónio, Relacionamento conjugal, estratégias e construção. Pós acredito que os mesmos ajudarão na compreensão da pesquisa.

Relacionamento conjugal

De acordo com Prior (2007) relacionamento conjugal é a relação entre pessoas que se unem uma a outra com propósito de vida bilateral, distinta da relação social a que se subordinam.razão pela qual as pessoas unidas por estes meio chamam-se conjuguem.

Na presente pesquisa adopto o conceito de relacionamento conjugal definido por

Prior (2007) pois acredito que o mesmo permite compreender com perfeição o significado de relacionamento conjugal adornado na pesquisa.

Matrimónio

Segundo Pinho (2011) Matrimónio é a união de duas pessoas com objectivo de construir família, é a mola propulsora da teia de relações sociais que se erigem como uma estrutura que sustenta a sociedade de modo dinâmico. A definição de (Pinho 2011) permite perceber matrimónio como algo que mantém as relações sociais de modo dinâmico.

Na presente pesquisa o matrimónio é definido a partir do conceito de Pinho (2011), que permite defini-lo como sendo união de duas pessoas com objectivo de construir família que é o que orienta um grupo de residentes no bairro de Khongolote.

Estratégias

Estratégia é uma actividade orientada em ambiente hostil lançando mão de todos os meios e recursos para aquisição de objectivos disputados entre a unidade política (Martins 1983 e Porter 2001). A definição dos referidos autores permite perceber estratégia como um método usado para aquisição de um determinado objectivo.

Nesta pesquisa adopto o conceito de estratégia tal como é definido por Martins (1983) e Porter (2001), porque permite perceber estratégia como sendo o caminho usado para atingir tal objectivo no quotidiano das relações conjugais.

Construção

Construção é a acção usada para designar o acto de construir, dar forma a algo, geralmente partindo de um plano já elaborado com antecedência (Dicionário *online* de português 2009). A definição trazida pelo Dicionário *online* de português (2009) permite perceber construção como a acção de dar forma um projecto traçado com antecedência.

Nesta pesquisa, construção é definida como sendo a acção de construir, dar forma

as relações conjugais no quotidiano dos indivíduos.

4. Procedimentos metodológicos

Esta pesquisa é exploratória e tem um carácter qualitativo. A pesquisa foi por mim realizada em três etapas complementares. Na primeira etapa efectuei a revisão de literatura sobre construção de relacionamentos conjugais, na segunda etapa procedi a pesquisa etnográfica exploratória e na terceira realizei o tratamento e a análise de dados.

Quanto a revisão da literatura consultei artigos científicos em bibliotecas digitais, dissertações, monografias e livros na biblioteca do departamento de Arqueologia e Antropologia (DAA), e na Brazão Mazula da Universidade Eduardo Mondlane (UEM).

Quanto ao trabalho etnográfico exploratório realizei uma etnografia entre residentes no bairro de Khongolote, no período de 10 de Julho de 2018 a 5 de Junho de 2019. A pesquisa foi por mim realizada em três momentos. O primeiro momento foi efectuado durante o percurso de ida e volta da faculdade, assim como, em uma cerimónia de casamento e aos domingos na igreja.

O segundo momento foi realizado durante um estágio de 21 dias, na 3ª Conservatória de Registo Civil e Notariado da cidade de Maputo e o terceiro momento foi realizado nas terças e Quintas-feiras nos domicílios dos participantes, no bairro de Kongolote no Município da Matola.

Quanto ao tratamento e análise de dados, transcrevi as notas do campo e organizei os em padrões com base nos quais, identifiquei tendências que permitiram construir a hipótese que apresento como considerações finais deste trabalho.

4.1. Selecção dos participantes de estudo

Para a selecção dos participantes, iniciei conversas informais em uma cerimónia de casamento em que eu era uma das cozinheiras, onde seleccionei uma participante e continuei com as conversas informais em seu domicílio. No decurso da pesquisa em seu domicílio, ela apresentou-me algumas vizinhas e assim tive acesso a outros participantes e continuei com as conversas informais em seus domicílios.

Iniciei, também, conversas informais sobre matrimónio na igreja, com algumas pessoas que observei que tinham aliança nos dedos, assim como, com algumas que vivem maritalmente. A partir desta conversa, selecionei outros participantes e continuamos com as conversas informais, também, em seus domicílios

Este processo permitiu-me estudar o quotidiano dos participantes e centrei-me no que eles diziam e nas explicações que eles davam sobre as coisas que dizem e fazem no quotidiano das suas relações conjugais.

4.2. Técnicas de recolha e registo de dados

Para a recolha e registo de dados fiz observação directa, entrevistas semi-estruturadas e conversas informais.

Quanto a observação, numa primeira fase observei as pessoas que iam a 3ª Conservatória para pedir informações sobre os procedimentos para contrair matrimónio, assim como, para marcar casamento, confirmar a data, averbar o Estado Civil e dar entrada ao processo de divórcio. Numa segunda fase, observei a convivência dos participantes com os seus cônjuges nos encontros em seus domicílios.

A técnica de observação directa consistiu em olhar, ouvir, questionar e registar no diário de campo, os detalhes das suas experiências e o que pensam sobre casamento. Este exercício permitiu-me perceber melhor a convivência dos conjugues no quotidiano das suas relações conjugais.

Quanto as entrevistas, entrevistei os participantes nos seus domicílios no bairro de Khongolote e pelo celular, via chamada de voz pelo aplicativo WhatsApp. As entrevistas presenciais duravam em média vinte minutos e as entrevistas pelo WhatsApp dependiam da disponibilidade do participante em responder as perguntas. Para registar as entrevistas usei gravador de celular, e para registar as entrevistas que fiz pelo celular usei um diário de campo.

Quanto as conversas informais, estas foram realizadas com objectivo de

complementar a técnica de observação directa e clarificar alguns aspectos que, por algumas limitações, ficaram pouco claros durante a observação. As mesmas foram feitas a nível colectivo numa cerimónia de casamento e na igreja, e a nível individual nos domicílios dos participantes, no bairro de Khongolote.

Para registar as conversas informais nos encontros usei um gravador do celular e as conversas pelo WhatsApp registei no diário de campo. O uso destas técnicas combinadas permitiu uma maior interacção com os participantes e posteriormente, permitiu maior envolvimento no assunto, observando, questionando, ouvindo e descrevendo em detalhes todo o processo envolvido e o que os participantes pensam sobre o assunto.

4.3. Tratamento e análise de dados

Quando chegava a casa transcrevia e organizava as anotações em um diário de campo e depois digitava-os no computador, de acordo com a técnica usada, data e hora. Esse processo permitiu melhor organização dos dados e ajudou-me durante o momento de análise. Nesta pesquisa usei nomes fictícios de modo a proteger a verdadeira identidade dos participantes.

4.4. Perfil dos Participantes

Nº	Nome Fictício	Idade	Estado civil	Ocupação	Nível de escolaridade	Religião
1	Amélia	42	Casada	Empreendedora	12ª Classe	Muçulmana
2	Artimiza	42	Casada	Empreendedora e estudante	3º Ano de Administração Pública	IEAD
3	Leonor	45	Casada	Modista	5ª Classe	MEA
4	Alegria	36	Casada	Vendedeira	5ª Classe	IEAD
5	Vânia	22	União de facto	Estudante	2º Ano de Agronomia	Católica
6	Micaela	27	União de Facto	Professora	Licenciada em Ensino de Português	Zione
7	Sheila	37	União de Facto	Dona de casa	8ª Classe	Zione
8	Gabriel	45	União de Facto	Engenheiro	Doutorando em Geologia e Minas	MEA
9	João	40	Casado	Segurança	9ª Classe	IEAD

10	António	50	Casado	Professores	Licenciado em História	MEA
11	Loureço	36	União de Facto	Electricista	Ensino médio	MEA

Na pesquisa trabalhei com um total de 11 pessoas das quais, 7 do sexo feminino e quatro do sexo masculino, todas residentes no bairro de Khongolote. As idades dos participantes variam entre os 22 e os 50 anos, com a das mulheres a variar entre os 22 aos 45 anos e a dos homens entre os 36 e os 50 anos. Quanto ao estado civil dos participantes, seis são casadas oficialmente e cinco vivem em união de facto.

Quanto a ocupação e a escolaridade, dois participantes são estudantes, dois são empreendedores, um é engenheiro de Geologia e Minas, dois são professores, um é segurança, um é electricista, uma é modista, uma é vendedeira e a última é dona de casa. Quanto a religião, uma é muçulmana, uma é católica, dois são da comunidade Zione, quatro são da MEA, e três são da IEAD.

5. Construção de relacionamentos conjugais entre residentes no bairro de Khongolote

5.1. Construção de relacionamento conjugal por influência dos progenitores

Nesta parte do trabalho analiso como os progenitores influenciaram os participantes na construção do seu relacionamento conjugal no quotidiano.

A partir dos dados que analisei percebi que no dia-a-dia os pais influenciam as mulheres para casarem se com homens ricos como forma de terem benefícios financeiros e porque não querem ver sua filha passando por necessidades. A participante Amélia partilhou a sua experiência a este respeito nos seguintes termos,

“Tive uma relação com um indiano e ele era de uma família com dinheiro depois de um tempo, descobri que ele estava a ser procurado pela polícia porque era traficante quando quis separar-me dele as minhas irmãs não aceitaram. Dois meses depois ele voltou para Índia e me deixou com um terreno, material de construção, dinheiro e uma flecte, anos depois conheci um professor, começamos a namorar, fui viver com ele e engravidei. Quando lhe apresentei a família ai começou a fazer confusão. Todos diziam que eu tinha que voltar para casa porque não me criaram para casar com um preto pobre e desgraçado e que eu devia procurar outro homem com dinheiro...”
(conversa com Amélia, 42 anos, casada, residente no bairro de Khongolote, religião muçulmana, 10.07.2018).

A partir da explicação da Amélia percebi que as irmãs dela sempre incentivaram a ela a ter um marido rico, e não importava a fonte de renda. De acordo com Amélia, mesmo depois de saberem que ele era traficante não concordava que ela separe-se do moço.

Com uma explicação similar, Leonor partilhou a sua experiência nos seguintes termos, *“Eu tinha um namorado, um dia fomos ao cinema e perdi o*

machimbombo e dormi em casa dele. No dia seguinte quando voltei para casa perguntam-me onde passei a noite e quando respondi, mandaram chamar ele e a família. Quando meu pai soube que ele é meu colega da escola não aceitou receber a família...” (Leonor 45anos, casada, residente do bairro Khongolote, religião MEA, conversa informal 17. 07. 2018).

A partir da explicação da Leonor percebi que no dia-a-dia os pais estão preocupados em fazer com suas filhas casem-se com homens de nível superior que elas pois estes já têm emprego e condições para cuidar delas e da família que vai surgir dessa união.

Com uma explicação similar, Lourenço partilhou a sua experiência nos seguintes termos, *“Conheci uma moça que trabalha na mercearia em frente a loja onde eu trabalhava como vendedor e ela interessou-se por mim. Quando contou a sua irmã, ela organizou um almoço para nos apresentar e convidou-me. Começamos a namorar e tudo correu bem até a mãe e as outras irmãs descobrirem que eu trabalhava como vendedor. ...” (conversa com Lourenço, 36 anos união de facto, residente no bairro de Khongolote, religião MEA, 10.08.2018)*

A explicação de Lourenço permitiu-me compreender que no dia-a-dia as famílias estão preocupadas em casar suas filhas com homens ricos como forma de cobrir o erro por elas cometido.

De acordo Lourenço a mãe da esposa sempre insistiu que as filhas casassem com homens ricos porque foi um erro dela casar com o pai delas que é pobre.

Da análise que fiz nesta parte do trabalho percebi que no quotidiano os pais planeiam casamentos das filhas em função dos benefícios financeiros com objectivo de tirar dividendo dessa união, deste modo, determinando com quem a filha deve ou não casar e o não comprimento da vontade dos pais faz com que haja um certo distanciamento entre pais da noiva e o casal.

Esta conclusão assemelha-se a de Brügger (2007), na qual os interesses das famílias é que norteavam as intenções do grupo e não dos indivíduos, assim sendo, o casamento era visto como um projecto familiar, pois era uma forma de manter valores económicos e materiais, e que celebrar casamento sem considerar tais elementos poderia ocasionar o fracasso dos bens materiais, bem como anular as possibilidades de projecção económica, política e social no interior da família.

Os dados desta pesquisa permitem perceber que não basta a mulher gostar do seu parceiro e pensar que sim pode-se casar com ele, ela tem que olhar também para os benefícios financeiro que pode advir dessa união para a sua família, sobre pena da família não consentir o casamento caso isso não aconteça.

Os discursos e práticas de casamentos não consentidos podem levar os praticantes a determinadas consequências. A participante Amélia partilhou a sua experiência nos seguintes termos,

“Apesar de tudo que estava a acontecer eu não aceitei voltar para casa e fiquei sem falar com a minha família por muito tempo, só que no meio dessa confusão fiquei muito doente no hospital não sabiam dizer o que eu tinha, daí fomos ao curandeiro e lá disseram que a minha família estava a minha procura e não sabia onde eu estava, então a família dele foi para casa da minha tia onde eu vivia no bairro Indígena e a minha tia disse que tinha que informar os meus irmãos, eles aceitaram casamos nicali e todo ficou bem...”
(conversa Amélia, 42 anos, casada, residente no bairro de Khongolote, religião muçulmana, 10.07.2018).

A partir da conversa com Amélia percebi que o facto de ela não ter aceitado voltar para casa ficou sem comunicar-se com a família e adoeceu. Uma experiência similar a da Amélia foi partilhada pela Leonor nos seguintes termos,

“Eu insisti que queria ir com o moço e a família dele, mas o meu pai disse que se eu saísse pela porta de casa, ele deixaria de ser meu pai. Mesmo assim eu fui e um mês depois paramos de estudar por falta de dinheiro de chapa e ele

começou a trabalhar como electricista, depois de 2 anos tive o meu primeiro filho, e ele ficou muito doente e no hospital não sabiam dizer o que ele tinha, fiquei de baixa com a criança, uma semana depois o meu marido também ficou doente e não andava, já não vinha nos visitar no hospital. Fugi do hospital, então o meu sogro soube que o filho e o neto estavam doentes, chamou coradoiros e nos levou para casa dele, e lá disseram que é porque a minha família e os meus difundo estavam zangados não sabiam onde eu estava, voltei a ter contacto com os meus pais e eles conheceram o neto ficou tudo bem...” (conversa com Leonor 45anos, casada, residente do bairro Khongolote, religião MEA, conversa informal 17. 07. 2018).

A partir da explicação da Leonor compreendi que pelo facto de ela ter insistido que queria ir embora com a família do moço parrou de estudar, ficou sem manter contacto com os pais, o filho e marido adoeceram como consequência de ela ter indo morar com o marido sem consentimento dos pais.

Uma experiência parcialmente similar a de Leonor é partilhada por João nos seguinte termos,

“Quando foi pedir desculpas e quis formalizar a relação, deram-me uma lista de lobolo cheia de coisas que eu devia pagar, segundo, eles essas coisas foram roubadas na noite que ela dormiu fora de casa, era muita coisa eu não estava em condições de pagar aquilo tudo, não paguei nada e foi viver com ela. Um ano depois ela fica grávida e doente no hospital não sabia dizer o que ela tinha foi procurar tradicionalmente e disseram que os difundos dela está a procura dela não sabiam onde ela estava, então foi pagar o lobolo ficou tudo bem...” (conversa com João, 40 anos, casado, residente do bairro de Khongolote, religião ASD, 22.08.2018).

A explicação de João permite perceber que a esposa quando ficou grávida adoeceu pelo facto de ele não ter aceitado pagar o lobolo e a esposa estar a morar com ele.

Da análise que fiz nesta parte do trabalho percebi que no dia-a-dia o facto de as

mulheres casarem sem o consentimento dos pais ou da família elas ou a família que surgiu dessa união pode sofrer consequências pela fúria de seus pais e dos antepassados.

A situação de Amélia, Leonor e João mostra que as doenças podem ser entendidas como expressão de fúria dos pais e dos antepassados pelo facto de terem ido morar com os parceiros sem consentimento dos pais e o não pagamento do lobolo. Nesse caso a doença foi uma forma de manifestar o descontentamento dos pais e dos antepassados.

Esta conclusão assemelha-se a White (1998) para quem nunca é tarde para realizar certos rituais e venerar os antepassados, pois eles mostram a possibilidade contínua de negociações que existem entre os vivos e mortos e a flexibilidade destas práticas.

Os dados desta pesquisa mostram que as doenças podem ser entendidas como fúria dos pais e dos antepassados pelo facto das mulheres irem morar com os parceiros sem o consentimento dos pais e do não pagamento de lobolo. A relação entre vivos, mortos e o consentimento dos pais deve ser estabelecido para garantir o bem-estar nas relações conjugais.

5.2. Construção de relacionamento conjugal por influência familiar

Nesta secção analiso como os participantes foram influenciados pelos seus familiares para construção do seu relacionamento conjugal. O participante João partilhou a sua experiência nos seguintes termos,

“Relacionei-me com uma moça sem interesse de torna-la minha namorada, mas como ela passou a noite fora de casa e era a primeira vez que ela fez isso dia seguinte a mandaram embora de casa e ela veio na minha banca. Levei-a para casa do meu tio, ela percebeu que eu só lhe queria para aquela noite então ela disse para o meu tio que ela gostava muito de mim e que eu fui o primeiro homem dela mas se eu não quisesse nada com ela pelo menos lhe dar dinheiro de chapa para ela voltar para Gaza. Dia seguinte, meu tio me

fez ver que ela gosta de mim e que se eu não ficasse com ela estaria a perder uma boa mulher...” (conversa com João, 40 anos, casado, residente do bairro de Khongolote, religião ASD, 22.08.2018).

A explicação de João permitiu-me perceber que no dia-a-dia, mesmo que as pessoas não tenha interesse a priori de casar-se com o parceiro quando são dados a entender certos aspectos a respeito do parceiro que eles não viam, acabam se casando com a pessoa. Com uma explicação similar, António partilhou a sua experiência nos seguintes termos,

“Comecei a me relacionar com uma moça e eu era vizinho do ex. namorado dela, ela estava a fazer 10ª classe pela 5ª vez então eu disse para ela que eu podia-lhe ajudar a fazer a 10ª em 1 ano mas ela devia se matricular e não esperar para fazer exame como externa. Então ela foi contar para a irmã mais velha que ela conheceu um moço que gostou dela disse que vai-lhe ajudar a terminar 10 classe, só que vive no mesmo prédio que o namorado, a irmã disse para ela se é que você gostou dele fica com ele e manda passear teu namorado ele já está na faculdade nem quer saber se você termina ou não a 10 e ele já deve ter uma namorada do nível dele, esse moço ti quer de verdade tem boas intenções. Ela seguiu o conselho da irmã e começamos a namorar...” (conversa com António, 50 anos, casado, residente do Bairro de Khongolote, religião MEA, 18.08.2018).

A explicação de António permitiu-me compreender que no dia-a-dia as pessoas são influenciadas pelos familiares a casar-se com parceiros que lhes oferecem algum benefício.

Da análise que fiz nesta parte do trabalho percebi que no dia-a-dia a influência da família tem contribuído para a construção de relações conjugais como forma de não perder benefícios que podem advir dessa união.

Esta conclusão é semelhante a de Andrade (2008), na qual o casamento era essencial na região no que concerne à ampliação dos bens e à manutenção das

posses no interior das famílias e que a busca pela estabilidade económica no interior da família teria estimulado a realização de vários casamentos endogénicos, pois desta forma garantia-se a solidez e a conservação dos bens no interior da família, evitando que outras pessoas tivessem direito nas posses posteriores.

Os dados desta pesquisa permitem compreender que no quotidiano as pessoas são influenciadas pela família a casarem-se com os parceiros pelos benefícios que iram obter dessa união.

5.3. Construção de relacionamento conjugal por influência de amigos

Nesta parte do trabalho analiso como os participantes sofreram influência de amigos para construção da sua relação conjugal.

A partir dos dados que analisei pôde perceber que no dia-a-dia as pessoas são influenciadas por amigos a definir parceiros para casar. O participante Gabriel partilhou a sua experiência nos seguintes termos,

“Comecei a me relacionar com uma moça sem ter muito interesse em torná-la minha namorada, mas ela gostava muito de mim. Só que um dia meu amigo comentou que a moça é muito diferente das outras namoradas que já tive e que passavam a vida a pedir-me coisas e dinheiro. Disse ainda que ela gosta de mim de verdade, porque nunca pediu-me nada, e pelo contrário, ela é quem compra coisas para mim. Daí comecei a olhar para ela de um outro jeito, comecei a ver ela como namorada e já não tinha muitas namoradas...”
(conversa com Gabriel, 45anos, união de facto, residente do Bairro de Khongolote, religião MEA, 04.10.2018).

A partir da explicação de Gabriel pôde perceber que no quotidiano os indivíduos são influenciados por amigos a casar com os parceiros por eles apresentarem comportamentos diferentes dos parceiros com que eles se relacionaram anteriormente.

Com uma explicação parcialmente similar, a de Gabriel, Micaela partilhou a sua experiência nos seguintes termos,

“Conheci um moço em casa da minha amiga e relacionei com ele mas eu não tinha tanto interesse por ele mas ele gostava muito de mim. Queria-me apresentar para família dele, eu sempre negava, até que um dia minha amiga que é cunhada do moço me faz ver que ele gosta de verdade de mim e quer um relacionamento sério é boa pessoa, comportado, trabalha e não bebe. Decidi ariscar e aceitei e estamos juntos...” (conversa com Micaela, 27 anos, união de facto, residente no Bairro de Khongolote, religião zione, 05.04.2019)

A explicação de Micaela permite compreender que apesar de ela não ter tanto interesse no moço foi influenciada pela amiga a ficar com ele pelas qualidades dele. Com uma explicação similar, Vânia partilhou a sua experiência nos seguintes termos,

“Conheci um moço comecei a relacionar-me com ele mas sem interesse de ter um futuro com ele, e ele gostava muito de mim, foi quando um dia minha amiga comenta comigo que o moço gosta muito de mim, e é diferentes dos outros que já tive como namorado eu não preciso pedir nada ele me dá porque sabe que tenho necessidades como mulher sem contar que ele quer ter um relacionamento sério comigo e que se eu deixasse passar essa oportunidade não teria outra igual, daí comecei a empenhar-me mais na relação e pronto deu certo e continuamos juntos até hoje...” (conversa com Vânia, 22 anos, união de facto, residente no Bairro de Khongolote, religião católica, 04.10.2018).

A explicação de Vânia permite compreender que a influência da amiga contribuiu para a construção do seu relacionamento conjugal.

Da análise que fiz nesta parte do trabalho, percebi que no dia-a-dia os participantes são influenciados pelos amigos para construção dos seus relacionamentos conjugais, eles desempenham um papel fundamental na formação do matrimónio. Pois as relações de amizade ajudam a fortalecer a relação do casal.

Esta conclusão assemelha-se a ideia de parentesco como conjunto de relações

sociais que resultam da consanguinidade real afirmada por casamento ou por afinidade, essas relações agrupam o casal, mas a união exclusiva e definitiva entre o homem e mulher não é um dado adquirido conforme explica Colley (1996), aparece em certas épocas e em certas culturas.

Os dados desta pesquisa permitem compreender que no dia-a-dia a relação de amizade tem contribuído bastante para a construção de matrimónio, mas a união definitiva e exclusiva depende somente deles os dois.

5.4. Construção de relacionamento conjugal por influência da congregação religiosa

Nesta parte do trabalho analiso como a igreja influencia os participantes na construção do seu casamento. O participante António partilhou a sua experiência nos seguintes termos,

“O meu casamento foi planeado dentro de 6 meses porque nessa altura os dois estávamos na escola bíblica a fazer curso de teologia a estudar para sermos pastores, e não podíamos batizar e nem ser pastor sem antes casar e segundo a bíblia é pecado duas pessoas viverem juntas sem antes terem contraído o matrimónio e nós já estávamos juntos há mais de 15 anos, e já não aguentávamos viver nesse pecado, e queríamos fazer um casamento simples para nos livrar desse pecado...” (António, 50 anos, casado, residente do Bairro de Khongolote, religião MEA, entrevista, 04.10.2018).

A explicação de António permitiu-me perceber que no dia-a-dia, as pessoas são influenciadas pelos membros das congregações religiosas a contrair matrimónio. Com uma explicação similar a de António, Leonor partilhou a sua experiência nos seguintes termos,

“Posso dizer que não foi nada fácil porque casamos numa fase em que não tínhamos nada, porque nessa altura ele frequentava escola bíblica e tinha recebido proposta para ser pastor e não podia graduar e nem ser pastor sem casar ele queria desistir mas depois a igreja disse que ia preparar tudo,

ficamos porque não tínhamos ideia mas já em Dezembro fomos dizer para os meus pais que queríamos casar mas não tínhamos nada então meu pai perguntou quando? Dissemos em Maio do próximo ano porque ele queria que calhasse com meu aniversário e começamos a preparar e a família dele quis dificultar alegando que o tempo era curto e não podia foi daí que dissemos que a igreja é que vai preparar para fazer casamento coletivo e recebemos a informação em Junho mas como não tínhamos ideia foi por isso que não dizíamos nada...” (conversa com Leonor 45anos, casada, residente do bairro Khongolote, religião MEA, 17. 10. 2018)

A partir da conversa com Leonor percebi que no dia-a-dia os participantes são influenciados pela igreja a contraírem seus matrimónios através dos casamentos coletivos organizados pela mesma. Com uma explicação similar, João partilhou a sua experiência nos seguintes termos,

“O meu casamento não foi nada fácil porque a minha família dizia que em vez de eu pensar em comprar um terreno e construir to a pensar em casar, fiz perceber a eles que a igreja é que vai organizar tudo para fazer casamento coletivo eles não quiseram ouvir alguns disseram que não viriam ao casamento e outros vieram, quando tive dificuldades para completar o valor para organizar os documentos pareceu-me que eles ficaram felizes. Mas eu não podia desistir e negar essa oportunidade que Deus estava dar-me para deixar de viver no pecado porque segundo a bíblia temos que casar para construir família e eu estava a viver há anos dentro do pecado....” (conversa com João, 40 anos, casado, residente do bairro de Khongolote, religião ASD, 05.09.2018)

A partir da conversa com João compreendi que a influência da igreja surgiu como uma oportunidade para livrar-se do pegado de viver com a esposa sem ter contraído o matrimónio. Com uma explicação parcialmente similar a de João, Artimiza partilhou a sua história nos seguintes termos,

“O meu casamento na verdade não foi aquele dos sonhos porque tivemos de

casar por causa da igreja, nós fazíamos parte da direcção da congregação, depois subimos ficamos conselheiros na igreja e já estamos a viver juntos há mais de 10 anos sem ter casado, e perante Deus isso é pecado tínhamos que casar para formar família e ter filhos, mas não foi assim e não podíamos continuar a aconselhar pessoas na igreja sem ter casado, e já tínhamos feito a escola bíblica só faltava mesmo casamento então a igreja organizou casamento coletivo para todos nos dirigentes que não estavam casados...” (conversa com Artimiza, 42 anos, casada, residente no bairro de Khongolote, religião ASD, 16. 10.2018).

A partir da conversa com Artimiza percebi que no dia-a-dia as pessoas acabam contraindo matrimónio pela influência da igreja, mas também para se verem livres do pecado de ter construído uma família sem antes terem casado.

Da análise que fiz nesse subtítulo compreende que os participantes no dia-a-dia acabam casando porque não podem ocupar um determinado cargo na igreja sem antes contrair o matrimónio. Os participantes têm a concepção de que morarem juntos e ter filhos sem antes ter casado é pecado segundo a bíblia, portanto, como forma de verem-se livres desse pecado acabam aderido as influências dos membros das congregações religiosas e contraem seus matrimónios.

Esta conclusão assemelha-se a ideia de que a partir do casamento nasce o pecado da carne visto como um mal necessário, e para evitar o pecado da fornicação, tenha cada homem a sua mulher e cada mulher o seu marido Legoff (1992). O casamento era tido como um mecanismo pelo qual a igreja e a sociedade procuravam normalizar as relações sociais entre os indivíduos.

Os dados desta pesquisa permitem compreender que para além de casarem para ocupar um determinado cargo na igreja os participantes casam-se para verem-se livres do pecado de terem-se juntado e ter filhos sem ter contraído o matrimónio.

5.5. Construção de relacionamento conjugal por amor

Neste subtítulo analiso até que ponto o amor entre duas pessoas foi forte para a

construção da relação conjugal entre si. Pois apesar das opiniões dos parentes, o amor que sentem um pelo outro é que determinou a construção da sua relação conjugal. A participante Alegria partilhou a sua experiência nos seguintes termos,

“Relacionei-me com um moço que conheci na barraca da minha irmã quando acabava de ser abandonada pelo meu primeiro marido que tive dois filhos com ele, esse moço era cobrador de chapa, bebia muito e injectava drogas, fui viver com ele em casa da minha mãe, ele todos os dias saía para trabalhar e não deixava dinheiro para comprar comida e quando voltava do apanhava comida e me batia, perguntando onde apanhei a comida. Ele me batia todos os dias mesmo em frente da minha família, minha mãe e minhas irmãs sempre diziam para eu lhe mandar embora porque não me ajuda em nada só me castiga, não aceitei porque eu gostava dele e tinha esperança de que um dia podia mudar e era o único homem que conheci depois de ter-me separado com o pai dos meus filhos que não era comprometido, preferi sair de casa para arrendar só para ficar com ele...” (conversa com Alegria, 36 anos, casada, residente no bairro de Khongolote, religião ASD, 05.02.2019).

A partir da explicação da Alegria percebi que apesar da família aconselha-la a separar-se do moço porque batia nela todos os dias ela não aceitou e preferiu sair de casa para viver com ele porque gostava muito dele. Com uma explicação similar, Sheila partilhou sua experiência nos seguintes termos,

“Conheci um moço quando voltava da escola conversamos e começamos a namorar depois de 3 meses ele foi contar para o pai que tinha namorada e o pai como é muito regrado disse que tinha que formalizar a relação, vieram para minha casa e meu pai não estava, quando meu pai volta da África do sul minha madrasta conta o que aconteceu ao meu pai ele perguntou-me eu me fiz de despercebida não falei nada, quando descobriu foi para casa dele mas, não encontrou a ele nem o pai, nesse dia fica a saber que naquela casa vivem 15 pessoa, mandou chamar a ele e ele veio com o pai pediram lista de lobolo meu pai não aceitou disse que nós dois ainda somos crianças para dar esse passo e perguntou se eu queria, eu disse sim ele disse que eu não ia aguentar

insisti ele me deixou ir para o lar mas não aceitou lobolo disse que devíamos preparar juntos como casal e não devia ser a família dele a preparar para nós...” (conversa com Sheila, 37 anos, união de facto, residente no Bairro de Khongolote, religião zione conversa informal, 05.06.2019).

A explicação da Sheila permitiu-me compreender que apesar do pai dela temer que ela não aguentasse viver num lar de 15 membros por ela ser muito nova para ir ao lar ela como gostava do marido e queria ficar com ele insistiu e foi viver com o moço. Com uma explicação similar, Leonor partilhou a sua experiência nos seguintes termos,

“Quando meu pai descobre que o moço era meu colega da escola ele não aceitou receber a família e eu disse que gostava do moço e que queria ir com ele e a família dele meu pai disse que eu era muito nova para ir ao lar e que devia ficar em casa para continuar a estudar, insisti que queria ir com o moço e a família dele, mas o meu pai disse que se eu saísse pela porta de casa, ele deixaria de ser meu pai, mesmo assim não desisti fui com ele...” (conversa com Leonor 45 anos, casada, residente do bairro Khongolote, religião MEA, 17.07.2018)

Da análise que fiz nesse subtítulo compreendi que os participantes no dia-a-dia casam com seus parceiros pelo amor que sentem um pelo outro. Neste caso o amor de ambos é que determinou a construção do seu relacionamento porque, por mais que haja influência por parte dos parentes ou mesmo por eles não aceitarem a relação, o sentimento ou o amor que sentem um pelo outro é que define o que vai acontecer entre ambos.

Esta conclusão é semelhante a conclusão de Sot (1992), na qual afirma que o casamento deve ser monogâmico, indissolúvel e deve ser realizado a partir do consentimento mútuo. O mesmo implica na autoridade de homem sobre a mulher.

Esta conclusão assemelha-se também a conclusão de Pinho (2011), na qual o casamento é a união de duas pessoas com objectivo de construir família. É a mola

propulsionadora da teia de relações sociais que erigem como uma estrutura que sustenta a sociedade de modo dinâmico.

Os dados desta pesquisa permitem compreender que para além de casarem por amor e por consentimento mútuo eles casam-se com objectivo de constituir uma família, não importa se o casamento é civil, tradicional ou mesmo por união de facto.

6. Considerações finais

O presente trabalho analisou construção de relacionamentos conjugais entre um grupo de pessoas residentes no bairro de Khongolote, município da Matola província de Maputo.

Da literatura analisada identifiquei duas perspectivas. A primeira que considera o

casamento como uma forma adoptada pelo Estado e pela região para que as pessoas mantenham laços afectivos, insiram-se socialmente para preservar a honra e o bom comportamento das suas famílias, assim como, para conferir-lhes um status social e segurança (Algranti 1997; Andrade 2008; Brügger 2007, Evans-Pritchard 1931, Gluckman 1950), e a segunda que considera que o casamento foi construído como um meio pelo qual a igreja e a sociedade procuravam normalizar as relações entre os sexos estabelecendo normas de conduta social que visavam regular o desejo sexual, combater fornicção e reproduzir a espécie (Davis 1990; Dudy 1988; LeGoff 1992; Lévi-Strauss 1991; Sot 1992).

A literatura analisada se por um lado permite compreender o casamento como uma forma adoptada pelo Estado e pela religião para que as pessoas mantenham laços afectivos, insiram-se socialmente para preservar a honra e o bom comportamento das suas famílias, assim como, para conferir-lhes um status social, por outro permite compreender o casamento como um meio construído pela igreja e a sociedade para regular o desejo sexual, combater fornicção e reproduzir a espécie. No entanto fica por compreender outras formas accionadas pelos indivíduos no quotidiano para garantir prestígio social e familiar. Adicionalmente fica por compreender outras formas de controlar a sexualidade e de reproduzir a espécie em contextos distintos deste.

Para compreender outras formas accionadas pelos indivíduos para garantir prestígio social, familiar assim como para controlar a sexualidade e reproduzir a espécie no quotidiano dos indivíduos, realizei uma pesquisa etnográfica entre residentes no bairro de Khongolote. Informada pelas ideias de Brügger (2007) e Legoff (1992) na qual o interesse das famílias é que dita com quem um filho deve ou não casar, e que a sexualidade era vista com um único fim a procriação e o casamento tornou-se um dos instrumentos de controlo da sexualidade.

Com base no material etnográfico analisado compreendi que no dia-a-dia a construção de relacionamentos conjugais é influenciada por progenitores, amigos, familiares e membros de congregações religiosas, que estimulam e pressionam os conjugues a construírem famílias

Eles tendem a usar essas estratégias por um lado, com objectivo de construir famílias e aquisição de benefícios financeiros, por outro lado como forma de adquirir um determinado cargo na igreja e para verem-se livres do pecado de estarem a viver juntos sem ter contraído o matrimónio. Contudo apesar das influências que os participantes têm sofrido por parte dos progenitores, famílias, amigos e pelas congregações religiosas, o amor que sentem um pelo outro é que determinou a construção do relacionamento conjugal, pois essas influências, simplesmente ajudam a unir mais o casal.

Este estudo na qualidade de projecto de pesquisa com carácter exploratório permite reflectir sobre a influência dos parentes e das congregações religiosas na construção do casamento. O estudo abre linhas para aprofundamento em pesquisas futuras. A título de exemplo, pesquisas futuras podem analisar as consequências que surgem na adopção dessas estratégias de construção de matrimónio no quotidiano.

Referências

- ALGRANTI, L. M. 1997. "Famílias e vida doméstica". In: SOUZA, L. de M. (Org.). *História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América Portuguesa, vol. 1*. São Paulo: Companhia das Letras.
- ANDRADE, M. F. 2008. *Elites regionais e a formação do Estado imperial brasileiro: Minas Gerais – Campanha da Princesa (1799-1850)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional,
- BRUGGER, S. M. J. 2007. *Minas patriarcal: família e sociedade (São João del-Rei – séculos XVIII e XIX)*. São Paulo: Annablume.
- Cooley, Jean-Paul.1996. Elementos de Antropologia Social e Cultural. Lisboa: Edições 70 pp. 13-16.
- DAVIS, N, Z.1990. *Culturas do povo. Sociedade e cultura no início da França moderna*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- DUBY, G.1988. *A Idade Média. Uma Idade do Homem*. Lisboa: Editorial Teorema.
- Dicionário Infopedia da Língua Portuguesa com novo acordo Ortográfico. 2003. Porto: Porto Editora. [Consultado em 02 de Dezembro de 200].
- Dicionário online de Língua Portuguesa 2009. Porto Editora. [Consultado em 02 de Dezembro de 2020].
- EVANS-PRITCHARD, E. E. 1931. "An alternative term for brideprice", in *Man*, 31 (42), pp. 36-39.
- GLUCKMAN, M. 1950. "Kinship and marriage among the Lozi of Northern Rhodesia and the Zulu of Natal", in A. R. Radcliffe-Brown e D. Forde (eds.), *African Systems of Kinship and Marriage*, Londres, pp. 166-206.
- LE GOFF, J. 1992. "A Recusa do Prazer". In: *Amor e sexualidade no ocidente*. (trad. Anna Maria Capovila, Horácio Goulart e Suely Bastos). Porto Alegre: L & PM. Tradução Revue L' Histoire/Seuil.P.150-151
- LÉVI-STRAUSS, Claude.1991. *O cru e o cozido. Mitologias*. São Paulo: Editora Brasiliense.
- Martins, Raul François R.C. 1983. *A cerca do conceito de estratégia*. 3ª Edição, livraria colin, p.10 Pinho, O.211. A Antropologia na África e o Lobolo no sul de Moçambique. Lisboa: AfroAsia.pp17-23.
- Porter, M, E. 2001. strategy and internet. *Harvard Business Review*.
- Prior, M, D. 2007. Pequena história de amor conjugal no Ocidente Moderno. USPE de Wikipedia.

Prado, S, D. et al. 2011. *Comer, Alimentar e Nutrir: categorias analíticas no campo de pesquisa científica. Revista colectiva ciência e saúde*, vol16,n1.Pp: 155-163.

SOT, M.1992. *A génese do casamento cristão*. In: *Amor e sexualidade no ocidente*. (trad.

Anna Maria Capovila, Horácio Goulart e Suely Bastos). Porto Alegre: L &PM Tradução Revue

L' Histoire/Seuil.pp.163-175.

WHITE, H. 1998. *Practising personhood: rituals of affinity in a Zulu countryside*, seminário apresentado na University of Cape Town.